

# Cenários e perspectivas para o jornalismo brasileiro do século XXI

**Ana Lúcia Nishida Tsutsui**

Mestre em Comunicação Social – Universidade Metodista  
Graduada em jornalismo - Universidade Metodista  
Coordenadora de Jornalismo e docente dos cursos de Comunicação – Uninove  
[ana.tsutsui@uninove.br](mailto:ana.tsutsui@uninove.br)

Neste artigo, busca-se compreender as mudanças que se operaram no jornalismo brasileiro e seus efeitos sobre a prática jornalística atual. Para isso, recorre-se a um resgate histórico para comprovar que as respostas sobre o futuro do jornalismo podem surgir justamente pela análise da trajetória percorrida até o momento.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Mudanças.  
Perspectivas. Sociedade.



# 1 Introdução

O jornalismo é um fenômeno universal. E, como diria Werneck Sodré (1966, p. 9), “[...] a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”<sup>1</sup>.

O controle dos meios de difusão de idéias e de informações que se verifica durante o desenvolvimento da imprensa – como reflexo da expansão do sistema capitalista em que está inserido – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas das mais diversas situações sociais, culturais e políticas, com diferentes interesses e aspirações.

Assim, o objetivo deste artigo é pontuar os principais momentos dessa trajetória para tentar entender como o jornalismo se relaciona com seu ambiente circundante, estando condicionado e atuando em favor ou contra os interesses políticos e econômicos de uma época.

Trata-se de um convite à reflexão com base em um olhar panorâmico sobre os múltiplos cenários do jornalismo com o intuito de compreender as mudanças que se operaram nesse campo e seus efeitos sobre a prática jornalística de hoje. Para isso, parte das origens remotas e chega aos tempos do jornalismo digital na internet.

## 2 Das remotas origens ao jornalismo do século XXI

A necessidade de informação é um dos dados fundamentais de toda a vida social. Conforme artigo da Associação Nacional de Jornais (ANJ), há séculos as civilizações vêm usando a mídia impressa para divulgar notícias e informações para as massas.

Acta Diurna, que surgiu em Roma cerca de 59 A.C. é o mais antigo “jornal” conhecido. Júlio César, desejando informar o público sobre os mais importantes acontecimentos sociais e políticos, ordenou que os eventos programados fossem divulgados nas principais cidades. Escritas em grandes placas brancas expostas em lugares públicos populares, tais como as Termas, as Acta mantinham os cidadãos informados sobre escândalos no governo, campanhas militares, julgamentos e execuções. Na China do século VIII, os primeiros jornais surgiram em Pequim sob a forma de boletins escritos à mão (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, *on-line*, idem).

O nascimento da imprensa nos moldes que temos hoje, no entanto, deu-se com a emergência da burguesia e consolidou-se com os aperfeiçoamentos de Gutenberg. A prensa inventada por ele em 1447 inaugurou a era do jornal moderno, acelerando o intercâmbio de idéias e a disseminação do conhecimento.

Entretanto, foi apenas na primeira metade do século XVII que os jornais começaram a surgir como publicações periódicas e freqüentes. As primeiras gazetas<sup>2</sup>, propulsadas pela invenção dos tipos móveis de impressão, apareceram como resultado dos movimentos de liberação política, ocasionando desde o início um vínculo com a questão da liberdade de imprensa<sup>3</sup> e estabelecendo relações de conflito ou conivência com o poder reinante (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, *on-line*).

Assim, o surgimento e o desenvolvimento do jornalismo na modernidade possuem relação intrínseca com a formação da esfera pública e a constituição da sociedade burguesa européia, da mesma forma que a proliferação da imprensa está diretamente ligada aos movimentos liberais e de independência nacionais dos séculos XVIII e XIX e à consolidação do jornalismo com viés político.

Em meados do século XIX, os jornais se tornaram o principal veículo de divulgação e recebimento de informações. No entanto, conforme Lustosa (2003, p.15), a maior parte dos jornais brasileiros da virada do século XIX para o XX pouco se parece com os nossos jornais da atualidade não só na forma, mas também no conteúdo.

O próprio papel da imprensa naquele contexto era visto de outra maneira. Num tempo em que o acesso à educação era tão menos democrático, em que vivíamos a mudança do mundo a partir das idéias disseminadas pelo Iluminismo ao longo do século anterior, a imprensa se firmara como um importante difusor das chamadas Luzes. Naquele contexto, o jornalista se confundia com o educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através dos seus escritos jornalísticos.

Assim, não é de se estranhar que o jornal [Correio Braziliense] tivesse o tamanho e a forma de um livro, nem que fosse composto de longos e densos artigos onde a informação era veiculada de forma circunstanciada e analítica em textos que, às vezes, se prolongavam por vários números seguidos.

A invenção do telégrafo em 1844 transformou a imprensa escrita. Como nos mostra Barrera (2004), nos países pioneiros, como França, Inglaterra e Estados Unidos, os avanços técnicos e o surgimento de uma indústria associada às agências de notícias permitiram a institucionalização do jornalismo. As informações passaram a ser transmitidas em questão de minutos, ocasionando relatos mais atuais e relevantes. Nessa época, jornais emergiam em sociedades do mundo inteiro.

Com a expansão do capitalismo, mudanças ocorreram na organização dos jornais, que também passaram a ser percebidos como produto. A demanda de informação gerada e o afã de lucro redimensionaram a atividade jornalística. O surgimento dos tablóides e da imprensa sensacionalista deram origem a um enfrentamento que se observa na atualidade: a dicotomia entre precisão e espetaculosidade.

Uma vez firmados os princípios básicos do jornalismo, como atividade intelectual e como empresa, entre 1890 e 1920, período conhecido como “anos dourados” da mídia, ergueram-se os “impérios” da comunicação de massa que ainda hoje sobrevivem, tendo como base uma imprensa com um papel influente, até mesmo decisivo, nos principais acontecimentos do século XX, a exemplo das grandes guerras mundiais.

Os “barões da mídia”, como eram chamados os donos desses gigantes conglomerados editoriais, detinham enorme influência na indústria jornalística e, conseqüentemente, na esfera político-econômica da sociedade.

O desenvolvimento da imprensa moderna, portanto, ocorre de maneira fortemente concentrada e vinculada com o capital privado, gerando uma relação de tensão permanente com o poder dominante, principalmente na América Latina, em razão da constante alternância de regimes democráticos e ditaduras em todo o panorama da região.

Nos anos 1920, o rádio explode no cenário midiático e traz consigo a introdução de novos gêneros e formatos jornalísticos que depois também serão transportados e aperfeiçoados com o surgimento da televisão em 1939<sup>4</sup> (VALIM, *on-line*).

Com as novas tecnologias, a evolução desses meios gerou a ideia de que a indústria de jornais desapareceria. Neste período, os jornais foram obrigados a reavaliar seu papel como principal fonte de informação social. Reagindo à nova concorrência, os editores renovaram os formatos e conteúdos de seus veículos a fim de torná-los mais atraentes.

Já às portas do século XXI, a revolução tecnológica gera, mais uma vez, novos desafios e oportunidades para a mídia tradicional. Com a chegada da internet, nunca houve tantas informações disponíveis para tantas pessoas.

Em fins dos anos 90, havia cerca de 700 sites na Internet; hoje se contam aos milhares. O volume e a atualização de informações na Internet não têm paralelo, mas isso não decretou o fim da relevância dos jornais. Os jornais em papel continuam sendo um veículo popular e poderoso no relato e análise dos eventos que afetam nossas vidas (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, *on-line*).

Hoje o ciberespaço cresce cada dia mais. A sociedade em que vivemos atualmente é a da hiperinformação, onde os fatos acontecem numa velocidade acelerada e as pessoas se interessam por vários assuntos diferentes e buscam um meio de informação que se ajuste ao seu estilo de vida.

Como pode-se ver, as mudanças que se operaram desde o advento da imprensa até hoje foram muitas e profundas. O jornalista que quiser se manter terá que se atualizar, não apenas aprendendo a dominar as novas tecnologias, mas – principalmente – reavaliando o espaço social ocupado pela imprensa neste novo século.

Qual seria, então, a função do jornalista neste século XXI? O jornalismo ocupa um novo lugar no mundo? É preciso redimensionar o papel do jornalista e suas competências? Entendendo o jornalismo como espaço público dos confrontos discursivos, qual o impacto das novas mídias neste contexto? Os jornais impressos vão acabar? O jornalismo praticado atualmente é democrático? Contribui para a construção da cidadania?

### 3 A história como forma de compreender o presente

Uma boa tentativa de responder a essas e outras tantas perguntas talvez seja recorrer à história como forma de compreender o presente.

A análise de fenômenos específicos, como o histórico controle político da informação, pode, por exemplo, explicar o porquê de muitas críticas feitas no que se refere à regulamentação e ao controle da atividade profissional jornalística, atualmente em debate no Brasil.

Ao tratar da televisão e do rádio, investigando como se utilizaram desses meios para cumprir uma missão informativa, é possível verificar como evoluiu o conceito de notícia, seu tratamento e os diferentes gêneros jornalísticos.

Assim como o debate sobre o futuro do jornalismo, a incipiente evolução do jornalismo digital e a questão – discutível – de que os meios eletrônicos estão levando o jornalismo impresso a uma morte prematura pode ser enriquecido pelo exame de como os meios se comportaram historicamente com o advento de uma tecnologia cada vez mais sofisticada.

Da mesma forma, olhando para o passado, também é possível perceber que, pela possibilidade de uso da comprovada força da palavra, a exploração do jornalismo como “quarto poder”, seja para chantagear, seja para obter vantagens pessoais ou apenas para ganhar o próprio sustento, é coisa antiga entre os jornalistas.

As possibilidades são muitas. Basta se aventurar. Independentemente de qual o caminho escolhido, todos possuem um cerne comum: a investigação.

Consultar os mais experientes, aqueles que ajudaram a construir e os que constroem a memória do jornalismo, ouvir histórias, coletar dados, captar informações, cruzar opiniões são passos fundamentais para quem pretende compreender os cenários e tendências do jornalismo contemporâneo.

### Panoramas and perspectives for the Brazilian journalism of XXI century

In this article, it is intended to understand the changes in Brazilian journalism and its effects on the present journalistic practice. Therefore, it is made a historic research to prove that answers about the future of journalism can appear by the analysis of its course till then.

**Key words:** Changes. Journalism. Perspectives. Society.

## Notas

- 1 Na concepção do historiador, a estreita ligação entre o desenvolvimento da imprensa e o da sociedade capitalista é comprovada por meio da ligação dialética facilmente constatada pela influência que a difusão da imprensa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos.
- 2 Os primeiros jornais modernos foram produto de países da Europa ocidental, como a Alemanha (que publicou o *Avisa Relation oder Zeitung*, em 1609), a França (*Gazette*, em 1631), a Bélgica (*Nieuwe Tijdingen*, em 1616) e a Inglaterra (o *London Gazette*, fundado em 1665, ainda hoje publicado como diário oficial do Judiciário). Esses jornais traziam principalmente notícias da Europa e, ocasionalmente, incluíam informações vindas da América ou Ásia.
- 3 Em 1766, a Suécia tornou-se o primeiro país a aprovar uma lei que protegia a liberdade de imprensa.
- 4 Embora não exista um consenso sobre quem inventou o aparelho ou até mesmo quando foi a primeira transmissão oficial, o registro histórico fica para a primeira demonstração nos Estados Unidos, feita pela RCA, em 1939, durante a Exposição Internacional de Nova York.

## Referências

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. *História do jornal no mundo*. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianomundo>>. Acesso em: 30 abr.2009.
- BAHIA, J. *Jornalismo, informação, comunicação*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- BARRERA, C. (coord.). *Historia del periodismo universal*. Barcelona: Ariel Comunicación, 2004.
- LUSTOSA, I. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MARQUES DE MELO, J. Indústria cultural, jornalismo e jornalistas. In: *INTERCOM: Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, ano 14, n. 65, julho, dezembro de 1991.
- SODRÉ, N. W. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- VALIM, M. O surgimento da televisão. *Tudo sobre TV*. Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/>>. Acesso em: 15 maio.2009.

recebido em 2 jul. 2008 / aprovado em 15 out. 2008

### Para referenciar este texto:

TSUTSUI, A. L. N. Cenários e perspectivas para o jornalismo brasileiro do século XXI. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 203-206, 2008.